

I OFICINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS

PEREIRA, Anna Muller¹; BORCK, Daiane Tavares¹; MENDONÇA, Robinson Barros¹; SOARES, Rosiane de Freitas¹; GILL, Lorena Almeida²

¹Universidade Federal de Pelotas – Educação Física; ² Universidade Federal de Pelotas – Instituto de Ciências Humanas – Núcleo de Documentação Histórica. lorenaalmeidagill@gmail.com

INTRODUÇÃO

A falta de compreensão para com o modo de vida do outro como ser único e dotado de características diferentes, seja de cunho físico, ideológico, de crenças, ou seja, a intolerância, a discriminação e o preconceito, muitas vezes de forma irracional, influenciam na formação das pessoas, que passam por transformações em cada instituição formadora, seja na família, na escola ou em outros espaços de convivência.

A diversidade e a tolerância são temáticas que deveriam se entrelaçar com a prática diária de cada um, o que resultaria em uma sociedade mais democrática e justa. (ALVES & FISCHMANN, 2001, p.35) Porém, na maioria das vezes as diferenças provocam o contrário, ou seja, estimulam preconceitos de todo tipo e origem, nos diversos âmbitos em que nos encontramos. Portanto, são temáticas que devem ser problematizadas, observando a realidade atual que impõe grande necessidade de barrar qualquer forma de preconceito e discriminação, para que as relações interpessoais sejam permeadas de respeito e solidariedade.

Para a raça humana, o valor mais alto de sobrevivência está na inteligência, no senso moral e na cooperação social. (ORLICK apud BROTTTO, 1999, p.40). Estudos apontam que o comportamento dos indivíduos é naturalmente o de cooperação. Logo, os atos de individualismo e extrema competitividade, que atualmente se destacam em nossa sociedade, são provindos do meio em que crianças, jovens e adultos estão inseridos, o que acarretará em uma possível formação inadequada destes indivíduos, caso não haja uma intervenção visando mudanças.

“Jogos cooperativos são dinâmicas de grupo que têm por objetivo, em primeiro lugar, despertar a consciência de cooperação, isto é, mostrar que a cooperação é uma alternativa possível e saudável no campo das relações sociais; em segundo lugar, promover efetivamente a cooperação entre as pessoas, na exata medida em que os jogos são, eles próprios, experiências cooperativas.” (BARRETO apud SOLER 2003, p.21)

Brotto (1997), diz que a cooperação é um processo onde os objetivos buscados são os mesmos e as ações beneficiam a todos. Partindo do ponto de vista desse mesmo autor, os jogos cooperativos são uma maneira de instigar as crianças e jovens a trabalharem a temática diversidade e tolerância de uma maneira prática, divertida, valorizando as ações dos mesmos como uma ponte para mudanças de valores e atitudes.

O jogo proposto como forma de ensinar conteúdos às crianças aproxima-se muito do trabalho. Não se trata de um jogo qualquer, mas sim de um jogo

transformado em instrumento pedagógico, em meio de ensino. (FREIRE, 1989, apud BROTTTO 1997, p.32).

METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A oficina de educação física inclusiva foi pensada e desenvolvida pelo PET Diversidade e Tolerância da Universidade Federal de Pelotas, através dos acadêmicos da ESEF, participantes do grupo, e surgiu objetivando ser um acréscimo positivo, que agregasse no desenvolvimento biopsicossocial da criança ou adolescente elementos formadores para diminuir os efeitos da intolerância através de jogos cooperativos.

De abril a junho do corrente ano aconteceram oito encontros, nos quais foram ministradas aulas práticas com duração de 50 minutos cada, para 19 alunos de uma turma de 4º ano de uma escola pública da cidade de Pelotas. Após cada aula era feita uma discussão entre os alunos e os acadêmicos coordenadores da oficina sobre as dificuldades encontradas para o desenvolvimento e execução do que havia sido proposto. Em cada encontro foram desenvolvidas atividades diferentes, como jogos que estimulassem o toque, o respeito ao espaço, a condição social e física dos participantes.

Os encontros foram planejados previamente pelo grupo PET, de acordo com as necessidades da turma em questão, que foram relatadas pelo corpo docente e discente da escola. A partir das dificuldades de socialização e coleguismo entre os alunos, o grupo pensou em atividades que propusessem aproximá-los através da cooperação, conscientizando-os sobre a importância da união e evitando, assim, acentuar rivalidades presentes em atividades que envolvam a competição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o início das atividades percebeu-se certo atrito nas relações afetivas entre as crianças. Notou-se isso durante algumas práticas em que havia o contato físico, como segurar nas mãos dos outros colegas, geralmente por parte das meninas, que apresentaram resistência, não apenas quando tinham que dar as mãos aos meninos, mas também às outras meninas. O que parecia incomodar eram diferenças no nível socioeconômico, além de preconceitos raciais. Com o andamento das atividades e a realização de mais encontros do projeto foi possível verificar que sempre quando em contato com alguém de outra etnia, durante as ações, algumas das crianças realizavam sem constrangimento o gesto de limpar as mãos na roupa. Além desse comportamento não incomum, ocorreu outra situação que aponta o quanto a cultura competitiva estava presente. Um jogo que possuía um objetivo simples e que necessitaria da cooperação entre todos os alunos para que seu objetivo fosse alcançado, acabou transformando-se no oposto, onde se evidenciou o quão competitivas encontram-se as crianças, sempre em busca de ser o primeiro, ser o melhor. Com isso, muitas vezes involuntariamente, acabavam desrespeitando o colega.

De acordo com desenvolver do projeto e a evolução da turma, as propostas de planos de aulas iam voltando-se para a solidificação da turma em uma visão de

grupo e permitindo que os alunos sugerissem atividades em que cada um pudesse sentir-se parte do todo, através do ato de jogar todos juntos, na intenção de norteá-los a futuras atitudes positivas, onde não tenham como premissa a exclusão. O envolvimento ativo dos discentes nas atividades favoreceu a discussão e conscientização sobre os temas abordados.

CONCLUSÃO

A oficina de educação física inclusiva alcançou seus objetivos principais, embora tenha sido uma experiência piloto. Foi possível, através dos jogos cooperativos, proporcionar atividades lúdicas e recreativas de grande valor para as crianças, que possivelmente refletirão em suas atitudes futuras de alguma forma.

Ao desenvolvermos este trabalho, pensamos em expor o quanto uma experiência em um projeto de extensão agregou à nossa formação. Tal atuação proporcionou uma reflexão sobre como a realidade competitiva e excludente no meio escolar se reflete nas atitudes dos alunos e como nós, na condição de futuros professores, podemos atuar para que essa perspectiva seja alterada. Entendemos que a efetividade e continuidade do processo de conscientização de práticas tolerantes e de respeito à diversidade são questões imprescindíveis na educação, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental, quando os princípios morais das crianças desenvolvem-se e concretizam-se para serem levados para toda vida. Os jogos cooperativos e suas ideias vêm colaborar com a proposta de não priorizar o individualismo, assim como evidencia a colaboração, a interação social e as mudanças que trazem à sociedade, tornando-a mais democrática, com interações sociais mais harmoniosas e, principalmente, desenvolvendo uma consciência de respeito ao próximo. Se adotarmos a cooperação como um meio de relação interpessoal, refletiremos sobre saúde, felicidade e expansão da consciência sobre cada um de nós individualmente, tanto quanto para todos aqueles ao nosso redor. (BROWN, 1994)

REFERÊNCIAS

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; FISCHMANN, Roseli. **Crianças e Adolescentes: Construindo uma cultura da tolerância**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BARATA, Kátia M.A., BROTTTO, Fábio O. **Jogos Cooperativos: um exercício de convivência**. São Paulo: Editora SESC, 1999.

BROTTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar**. Santos, São Paulo: Editora Re-Novada, 1999.

BROWN, Guillermo. - **Jogos cooperativos: teoria e prática**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1994

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens “o jogo como elemento da cultura”**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1996.

MONTEIRO, Fabricio Pomponet. **Transformação das aulas de educação física: Uma intervenção através dos jogos cooperativos.** 2006. Mestrado em Educação Física – Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

ORLICK apud BROTTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar.** Santos, São Paulo: Editora Re-Novada, 1999

SOLER, R. **Jogos Cooperativos para Educação Infantil.** Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2003.